

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*

MAURO GUIMARÃES — *Diretor*

FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*

MARCOS SÁ CORREA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*

JOSÉ SILVEIRA — *Secretário Executivo*

ECONOMIA-BRASIL Rumo Certo

28 OUT 1986

O Presidente Sarney merece todo o apoio quando se propõe a corrigir os rumos do cruzado sem jogar o país novamente na recessão, sem aumentar os impostos e com a redução dos gastos públicos. Mais que simples equações elaboradas por tecnocratas, o que o Presidente lançou em sua conversa ao pé do rádio foram definições políticas relevantes.

A moldura proposta pelo Presidente requer consistência interna por parte da administração para que seja viável. Ao afirmar que a solução para os problemas da demanda superaquecida pode não se encontrar no corte do consumo, e sim no aumento da produção, o Presidente traz para o primeiro plano a questão paralela dos investimentos em fábricas novas.

O desdobramento desse ponto é importante não apenas porque toca na formação bruta de capital fixo dentro dos limites e da capacidade do país, mas ainda porque é preciso definir quem vai investir, e com que rapidez. Não menos relevante é a administração da poupança que irá financiar esses investimentos, seja ela de fontes internas ou externas.

O governo precisa, a partir das palavras do presidente, fixar com clareza sua atitude em relação ao capital estrangeiro, precisa abrir as portas para novas modalidades de *joint ventures* e para um esquema de formação de capital que não dependam de créditos e empréstimos dos bancos comerciais. É preciso recorrer aos bancos de investimentos, ao lançamento de ações no exterior aprendendo o dina-

misimo do mercado externo de capitais, onde a constante é hoje a abertura e a internacionalização.

A abertura da Bolsa de Londres, o dinamismo de mercados como os de Singapura, Tóquio, Chicago e Nova Iorque, deveriam servir de exemplos para que o Brasil passe do estágio de encapsulamento de sua economia para o de ativo participante nos mercados internacionais de ações, bônus e papéis de renda fixa ou variável.

O Presidente recusa-se a aumentar impostos, e isso pode significar que prefere dar prioridade ao corte nos gastos públicos. Os contribuintes, convém lembrar, serão chamados no início do próximo ano a declarar seus rendimentos e sofrerão pela primeira vez o peso das reformas no Imposto de Renda que podem significar, agora, um efetivo aumento nos recolhimentos para o fisco.

As empresas privadas foram submetidas ao tabelamento dos preços e tiveram que aumentar sua produtividade ou reduzir os lucros para sobreviver. Só quem não pagou o preço dos ajustes ao cruzado foi o Estado, que recorre a subsídios para cobrir seus vermelhos. É tarde para que o setor público se enquadre, e os efeitos disso já se fizeram sentir no aquecimento da demanda, mas antes tarde que nunca. Deve o Governo se empenhar numa reforma profunda do setor público como único caminho para a sustentação de um crescimento econômico baseado nos parâmetros de produtividade, comuns a quem opera nos mercados privados.